

## Do absolutismo de ideias ao conflito armado: as representações ideológicas na obra *A montanha mágica*, de Thomas Mann

LÍVIA OLIVEIRA BEZERRA DA COSTA\*

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo analisar as representações ideológicas defendidas por dois personagens extraídos do romance *A montanha mágica* (1924), de Thomas Mann, o literato Lodovico Setembrini e o jesuíta Leo Naphta. Esses dois personagens sintetizam concepções filosóficas e perspectivas sobre o ser humano que fazem parte de uma luta em torno de representações ideológicas. Trata-se de visões opostas, que, quando confrontadas, se mostram irreconciliáveis, fornecendo o combustível para a crise que resultou na tragédia da guerra. Dessa forma, o autor contrapõe, de um lado, o anticapitalismo romântico e, do outro, a alienação da burguesia contemporânea, de forma a compreender como uma classe social caracterizada por um alto nível intelectual e moral se tornou adepta à tendência fascista.

**Palavras-chave:** Literatura comparada; Literatura Alemã; Filosofia; História.

**From the absolutism of ideas to armed conflict: ideological representations in Thomas Mann's *The magic mountain***

**Abstract:** This article aims to analyze the ideological representations defended by two characters taken from the novel *The Magic Mountain* (1924), by Thomas Mann, the writer Lodovico Setembrini and the Jesuit Leo Naphta. These two characters synthesize philosophical conceptions and perspectives on the human being that are part of a struggle around ideological representations. These are opposing views, which, when confronted, prove to be irreconcilable, providing the fuel for the crisis that resulted in the tragedy of war. In this way, the author contrasts, on the one hand, romantic anti-capitalism and, on the other, the ideology of the contemporary bourgeoisie, in order to understand how a social class characterized by a high intellectual and moral level became adept at the fascist trend.

**Key words:** Comparative literature; German Literature; Philosophy; History.



\* LÍVIA OLIVEIRA BEZERRA DA COSTA é Doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas e professora do ensino básico, técnico e tecnológico do Instituto Federal do Pará (Campus Altamira).

## **Introdução**

Diante das maneiras de se compreender as causas da Primeira Guerra Mundial, pode-se considerar, além dos fatores econômicos e sociais, a contraposição de ideias e as concepções de mundo que permeiam o contexto anterior à eclosão das batalhas reais.

Desse modo, a Grande Guerra também é fruto de um absolutismo de ideias que permeou o século XIX e persistiu no início do século XX (KAUFMANN, 1973, p. 111). Nos diálogos entre os personagens Lodovico Setembrini e Leo Naphta da obra *A Montanha Mágica*, de Thomas Mann, estão sintetizadas visões de mundo, concepções filosóficas e perspectivas sobre o ser humano que fazem parte de uma luta em torno de representações ideológicas.

O romance se constitui numa tentativa de avaliar o mundo antes da guerra para entender a insegurança vivenciada, especialmente, pelos europeus durante a guerra. Diante do retrato construído, os dois personagens expõem visões opostas, que, irreconciliáveis, irão fornecer o combustível para a crise que resultou na tragédia da guerra.

Na verdade, a guerra aparece como resultado quase que inevitável, em virtude da maneira radical como cada um encarna a sua própria visão de mundo. Tanto o humanismo libertário de Setembrini, quanto a espiritualidade arcaica de Naphta, se deixam levar por um ideal belicoso. Cada qual apresenta sua proposta como verdade absoluta e enxerga no outro um conjunto de pensamentos que não podem ser tolerados.

## **1. *A montanha mágica*: um romance de ideias**

O ponto de partida para a escrita do romance *A Montanha Mágica* (1924) foi um fato verídico da vida de Thomas Mann (1875-1955): em 1912, sua esposa contrai uma infecção pulmonar (RODRIGUES, 2008, p. 20), que a leva a sucessivas internações na região de Davos, na Suíça, como era costume na época.

A primeira internação da esposa de Mann no sanatório de Davos deveria durar três semanas, mas foi prorrogada por seis meses. Segundo carta escrita pela enferma, ao visitá-la o escritor ficou impressionado tanto com o local, quanto com as narrativas dela sobre os pacientes. Tais impressões o levaram a escrever um romance sobre Davos, que pode ser considerado uma sátira, em contraposição ao seu livro anterior, *Morte em Veneza* (1913), que é mais introspectivo e melancólico.

O romance, que começou a ser escrito em 1913, levou doze anos para ser concluído, já que sua escrita fora interrompida algumas vezes devido aos envolvimento políticos do escritor e retomada em 1919. Nesse período, suas posições e pensamentos políticos evoluíram, a ponto de se contradizerem, conforme se verifica nos ensaios que publicou na época, tais como *Pensamentos de guerra* (1914). Nesse texto, Mann explora as oposições entre “cultura” e “civilização”, assim como entre “romantismo” e “iluminismo”, a fim de defender a nação alemã e a sua vocação bélica. Tais ideias são, a seguir, retomadas e desenvolvidas no livro *Considerações de um apolítico* (1918). Entretanto, o seu pensamento sofre uma reviravolta: o autor renuncia à postura de conservador nacionalista e antirrepublicano para defender a via democrática, por isso em *Da república*

alemã (1922), já incita a juventude a aderir à República. Nesse sentido, as reviravoltas do pensamento político do escritor podem ser observadas também na evolução do romance, como veremos a seguir.

De uma forma geral, a produção romanesca de Mann é testemunho das diferentes fases do processo social e político europeu, destacando-se o olhar crítico que concede à classe burguesa, “mergulhada em irreversível processo de desintegração das estruturas sociais, dos sistemas políticos e dos princípios culturais e éticos” (REMÉDIOS, 2000, p. 252).

Assim, os temas recorrentes na obra do escritor alemão, tais como o tempo, a doença, a música, o amor e a morte são analisados em face dessa classe social em decadência. Esses serão os motivos filosóficos principais sobre os quais o protagonista de *A montanha mágica* se debruçará durante sua estadia no sanatório de Davos.

O enredo de *A montanha mágica* é simples: Hans Castorp, um jovem alemão comum, de 23 anos, viaja para o sanatório Berghof, na aldeia suíça de Davos-Platz, a fim de visitar o primo Joaquim, internado com uma doença pulmonar. A estadia, que duraria apenas três semanas, se estende por sete anos, pois o herói também é diagnosticado doente e se torna mais um paciente. No começo da viagem, ele anseia retornar para casa, mas logo se “enfeitiça” pelos hábitos do local e pelas peculiaridades de seus hóspedes, resistindo a retornar para a “planície”, ou “baixada”. Essas formas de alusão usadas pelos doentes revelavam seu desprezo pela realidade das pessoas sadias, tanto que estes continuavam a usar esse tratamento mesmo após receberem alta do médico (MANN, 2000, p. 167).

Mais do que a ação do romance, o que interessa para a narrativa são as personagens e o que estas representam. A apresentação do protagonista, já nas linhas iniciais, nos permite identificá-lo como representante da classe burguesa alemã. O narrador, ao invés de fazer uma descrição da personalidade do jovem engenheiro, o define como um “jovem singelo”, um “rapaz mimado” e o restringe à sua condição social:

Hans Castorp – eis o nome do referido jovem – estava sozinho num pequeno compartimento forrado de cinza, onde também se encontravam sua maleta de couro de crocodilo (presente de seu tio e pai de criação, o cônsul Tienappel, cujo nome convém mencionar desde já), bem como o casaco de inverno, a balouçar suspenso num gancho, e o cobertor de viagem enrolado. Estava sentado junto à janela aberta, e como a tarde se vinha tornando cada vez mais fresca, levantara rapaz mimado e franzino que era a gola do sobretudo de verão, forrado de seda e de corte amplo e moderno. A seu lado, no assento, jazia uma brochura intitulada Ocean Steamships, na qual Hans Castorp, durante as primeiras horas de viagem, de vez em quando lançara um olhar; agora, porém, o livro permanecia ali abandonado, enquanto o hálito da locomotiva arquejante, ao entrar pela janela, salpicava-lhe a capa de partículas de carvão (MANN, 2000, p. 11-12).

Destaca-se, assim, o fato de Hans ser sobrinho de um diplomata, ter o privilégio de viajar sozinho em um compartimento e levar consigo pertences característicos de uma classe bem provida, tais como uma mala de crocodilo e um casaco de inverno (REMÉDIOS, 2000, p.253).

Por narrar o amadurecimento emocional e psicológico de Hans Castorp, um alemão mediano do pré-guerra, *A Montanha Mágica* pode ser classificada como romance de formação, *Bildungsroman* (LUKACS, 1967, p. 37), ao mesmo tempo em que é, também, um romance de ideias, já que vários trechos e capítulos se assemelham a ensaios sobre debates políticos e filosóficos, carregados de reflexões sobre a condição humana.

Por outro lado, o Sanatório Internacional Berghof é descrito como um lugar quase fantástico, que apresenta regras e hábitos próprios, onde “a menor unidade do tempo é o mês” (MANN, 2000, p. 70). Nesse local, encontram-se, reunidos pela doença, personagens representativas de variadas nacionalidades e ideologias. Dentre elas, destacam-se o militar Joachim Ziessem, que é construído de forma a ser uma caricatura do militarismo alemão do período entre guerras; o italiano Lodovico Settembrini, um literato defensor de ideias liberais e humanistas; Leo Naphta, jesuíta com posições radicais e niilistas e a russa Madame Chauchat, que apresenta uma personalidade exótica e autêntica, por quem o herói nutre um amor platônico.

Hans Castorp é alvo das disputas intelectuais entre Settembrini e Naphta, que representam ideologias e pensamentos do século XIX e XX. Essas duas personagens levam ao extremo a defesa de seus posicionamentos. Castorp, cujo temperamento é passível a influências, se deixa atrair pela exposição sedutora dos dois palestrantes. Entretanto, se mostra atento às incoerências de seus discursos.

## **2. Settembrini e Naphta: um duelo de extremos**

Por meio da disputa entre Settembrini e Naphta, Thomas Mann revela as controvérsias intelectuais que existiam na Europa desde o século XIX, de modo que o duelo entre os dois personagens aparece como um prelúdio da catástrofe decorrente da Primeira Guerra Mundial.

De um lado, o intelectual e escritor italiano Settembrini se define como humanista, um “homo humanus” (MANN, 1980, p. 68). Devido à sua fisionomia cômica e por trajar de forma desalinhada, Hans Castorp apelida-o de “tocador de realejo”:

Tal mescla de desalinho e graça, combinada com uns olhos negros e o bigode suavemente ondulado, fez Hans Castorp pensar em certos músicos estrangeiros que na época do Natal tocavam nos pátios de Hamburgo, e com os olhos aveludados dirigidos para cima estendiam os chapéus de aba larga, para que, das janelas, lhes lançassem moedas de dez Pfennige. “Um tocador de realejo”, pensou Hans Castorp, e assim não se admirou nem um pouquinho do nome que ouviu, quando Joachim se levantou do banco e, com algum acanhamento, fez a apresentação.

- Meu primo Castorp... o Sr. Settembrini (MANN, 1980, p. 68).

Dentre as influências da formação filosófica e humanística de Settembrini, encontram-se seu avô, Giuseppe Settembrini e o pai, Giuseppe. O avô havia sido um grande agitador público, patriota e revolucionário, que lutara pela Itália contra a Áustria e a Santa Aliança, há quase cem anos. Além disso, atuara em outros conflitos europeus:

Mas o avô de Settembrini não fora somente um patriota italiano, senão também um concidadão e um irmão

em armas de todos os povos sedentos de liberdade. Pois, após o malogro de certa tentativa de golpe de mão e de golpe de Estado, empreendida em Turim, e da qual ele participara com palavras e ações, escapando só por milagre aos esbirros do Príncipe Metternich, empregara seus anos de desterro a lutar e derramar seu sangue, ora na Espanha, em prol da Constituição, ora na Grécia, para a independência do povo helênico (MANN, 1980, p. 174).

Já o pai de Setembrini, que atuara como advogado, havia sido um grande humanista e admirador da Antiguidade. Casara-se com uma moça suíça de sangue alemão:

Exercera em Milão a profissão de advogado, mas absolutamente não renunciara ao direito de concitar a nação pela palavra falada e escrita, em versos e em prosa, à liberdade e à instauração da república unida, de esboçar, com um brio passional e imperioso, programas revolucionários, e de proclamar, num estilo claro, a unificação dos povos libertados em prol da felicidade universal (MANN, 1980, p. 175).

Settembrini era maçom, como seu pai e avó, e desejava, de forma semelhante, conciliar a vida política e intelectual. Entretanto, sua saúde frágil o obrigou a se fixar em Davos-Platz, levando-o a renunciar ao ativismo político e a dedicar grande parte do seu tempo a zombar, com sarcasmo, dos hábitos dos pacientes do sanatório. Suas ideias principais são sintetizadas no seguinte trecho:

Segundo as digressões de Settembrini, havia dois princípios que disputavam a posse do mundo: a força e o direito, a tirania e a liberdade, a superstição e a ciência, o princípio da estagnação e o do movimento efervescente, do

progresso. Podia-se chamar a um o princípio asiático e ao outro o europeu, visto ser a Europa a terra da rebelião, da crítica e da atividade transformadora, ao passo que o continente oriental encarnava a imobilidade, o repouso inerte. Não existia a menor dúvida quanto à questão de saber qual das duas forças terminaria por triunfar; só poderia ser a da luz, a do aperfeiçoamento guiado pela razão. Pois a humanidade arrastava mais e mais povos pelo seu caminho brilhante; ganhava cada vez mais terreno na própria Europa e estava a ponto de penetrar na Ásia. No entanto, faltava ainda muito para que a sua vitória fosse completa, e grandes, magnânimos esforços eram exigidos dos homens de boa vontade, dos que haviam recebido a luz, até que raiasse o dia em que desmoronassem as monarquias e as religiões também naqueles países que na verdade nunca tinham gozado o seu século XVIII nem seu ano de 1789 (MANN, 1980, p. 178).

Apesar do intelectual italiano se intitular humanista, Mann o concebeu como uma caricatura do liberal revolucionário. Nesse sentido, ao longo da narrativa, Settembrini elabora sua própria definição de humanismo e opõe o seu ideal de “forma” ao ideal de “feiura” da Idade Média, que, na obra, é incorporado por Leo Naphta:

Essas ideias, esses ideais e essas aspirações, observou Settembrini, faziam parte das tradições da sua família. Pois os três lhe haviam consagrado a vida e as forças do espírito: o avô, o pai e o neto, cada qual à sua maneira, o pai não menos que o avô, se bem que não tivesse sido, como este, um agitador político e um paladino da liberdade, senão um sábio quieto e delicado, um humanista que vivia amarrado à sua escrivania. Mas, que era afinal o humanismo? Era o amor aos

homens, nada mais, nada menos, e por isso mesmo implicava também a política, a insurreição contra tudo quanto mancha e desonra a dignidade humana. Haviam censurado ao humanismo o apreço exagerado da forma; mas ele cultivara a bela forma unicamente por amor à dignidade humana, em esplêndida oposição à Idade Média, que vivia não só entregue à misantropia e à superstição, como também enfeada por uma ignominiosa falta de forma. Desde os seus inícios, defendera a causa do homem, os interesses terrenos, a liberdade do pensamento e o prazer de viver, opinando que o céu, por motivos de equidade, pertencia aos pardais. Ah Prometeu! Fora ele o primeiro humanista e idêntico àquele Satã, ao qual Carducci dedicara o seu hino (MANN, 1980, p. 179).

Entretanto, o humanismo revolucionário de Settembrini apresenta uma série de contradições, a principal delas é o caráter belicoso de seu pensamento, que vai de encontro ao seu próprio discurso iluminista.

Por outro lado, a antítese do intelectual italiano é incorporada pela personagem de Leo Naphta, que também é descrito de forma caricata:

Era um homem pequeno, magro, escanhado e de uma fealdade tão chocante que quase merecia ser qualificada de corrosiva; causou espanto aos primos. Tudo nele parecia cortante: o nariz adunco que dominava o rosto, a boca de lábios, finos e comprimidos, as grossas lentes dos óculos de aros leves, atrás dos quais apontavam os olhos de um cinzento claro, até mesmo o silêncio que o homem guardava, e que fazia supor que também a sua maneira de falar seria incisiva e lógica. Não usava chapéu, como era costume ali, e andava sem sobretudo; suas roupas

eram, aliás, muito bem-feitas: um terno de flanela azul-escura com listras brancas, de corte elegante, não exageradamente moderno, como verificaram os relances críticos e mundanos dos primos, que se encontraram com um olhar do pequeno Sr. Naphta, igualmente examinador, mas mais rápido e mais penetrante, que lhes deslizou pelos corpos (MANN, 1980, p. 415).

O aspecto grotesco do personagem remete à caracterização da Idade Média feita por Settembrini, que critica as obras do período pela “falta de forma”:

Settembrini declarou que o menosprezo da natureza e de seu estudo era incompatível com a humanidade e, em oposição à absurda falta de forma, cultivada pela Idade Média e pelas épocas que a imitavam, pôs-se a encomiar em palavras eloquentes a herança greco-romana, o Classicismo, a forma, a beleza, a razão e a alegria piedosamente fundada na natureza, que eram os únicos chamados a melhorar a causa do homem (MANN, 1980, p. 453).

Diferentemente de Settembrini, o passado de Naphta é ambíguo. Seu pai era um judeu fanático que fora assassinado durante uma revolta popular. No início de sua juventude, ele mergulhou em diversos conflitos internos e somente encontrou paz na religião, após assumir a condição de jesuíta. A partir de então, tornou-se pedagogo, sempre fascinado pelo ideal orgânico que caracteriza a instituição. A formação como jesuíta representaria, portanto, o ideal de ordem da Idade Média e, sobretudo, a mentalidade restauradora:

A Idade Média cristã percebeu com toda clareza o iminente capitalismo do Estado secular. “O dinheiro será o imperador” é uma profecia do século XI. Nega o senhor que ela já

se cumpriu integralmente e que dessa forma se realizou a diabolização total da nossa vida? (MANN, 1980, p. 447).

Assim, Naphta tem aversão ao capitalismo e ao Estado Moderno, que seriam representações do auge do individualismo burguês, assim como às ciências naturais, as quais teriam mergulhado a humanidade nas verdadeiras trevas, fazendo com que os homens abandonassem a busca pela verdade espiritual, por isso defende uma via comunitária e não individualista:

Como já me permiti observar, o seu individualismo é deficiente, é apenas um compromisso. Corrige a sua ética paga por meio de um pouco de cristianismo, um pouco de direito do indivíduo e um pouco de pretensa liberdade. Isso é tudo. Um individualismo, porém, que parte da importância cósmica, da importância astrológica da alma individual, um individualismo não social, mas religioso, que concebe a humanidade não como o antagonismo entre o eu e a sociedade, mas como o conflito entre o eu e Deus, entre a carne e o espírito – tal individualismo genuíno se harmoniza muito bem com a comunidade mais intensamente coercitiva? (MANN, 1980, p. 450).

Esse personagem representa a crítica do autor ao modo de vida liberal-burguês, que dava suporte ao pensamento fascista e ao seu ideal de vida comunitária no início do século XX (LUKACS, 1967, p. 57). Neste ponto, há uma forte ligação entre o modo social estamental da vida medieval e o espírito corporativo da proposta fascista.

Para Naphta, o pensamento científico e a Revolução Francesa teriam conduzido ao caos. Tal visão de mundo é uma síntese do pensamento restaurador, que,

posteriormente, influenciou os ideais nazistas:

O resultado prático da tão elogiada Revolução Francesa era o Estado capitalista burguês – deveras um belo produto que alguns esperavam melhorar universalizando essa abominação! A república universal traria a felicidade, pois sim. O progresso? Infelizmente podia-se comparar este com o famoso caso do enfermo que sempre estava mudando de posição porque nisso esperava encontrar algum alívio. Um desejo não confessado, mas muito difundido, secretamente, o de ver rebentar uma guerra, era a expressão dessa atitude. Ela não deixaria de vir, essa guerra, e isso era bom, se bem que acarretasse efeitos bem diferentes daqueles que aguardavam seus autores. Naphta menosprezava o Estado burguês, preocupado exclusivamente com a sua segurança. Veio a falar nisso num dia de outono, durante um passeio pela rua principal, quando começava a chover e todo mundo de repente, como a uma ordem de comando, abriu os guarda-chuvas. Aquilo se lhe afigurava como um símbolo da covardia e da efeminação vulgar que a civilização produzia. Um incidente como o naufrágio do navio Titanic tinha um sentido atávico e todavia edificante (MANN, 1980, p. 772).

Na metade da trama, Castorp adverte o primo sobre o perigo da coexistência de pensamentos extremos tais como os citados. O alerta consiste em um presságio do desfecho dessa discussão:

E me irrita ver tamanha confusão quando um prega a república universal, internacional, e abomina a guerra por princípio, mas ao mesmo tempo é tão patriota que reclama a todo custo a fronteira do Brenner, ao passo que o outro considera o Estado uma obra do Diabo e decanta a união geral que surge no horizonte, mas no

próximo instante defende o direito do instinto natural e zomba das conferências de paz. Temos de visitá-los para formar uma opinião. Você diz, na verdade, que estamos aqui não para nos tornar mais inteligentes, mas para melhorar nossa saúde. Mas, meu caro, acho que deve ser possível combinar essas duas coisas. Caso contrário, você chegaria a dividir o mundo, e isso não pode dar certo (MANN, 1980, p. 430-431).

A predição de Castorp é confirmada no desfecho da narrativa, momento em que o conflito de ideias se intensifica, levando Settembrini e Naphta a duelar para defender seus ideais.

No momento do conflito final, Settembrini, renuncia à solução violenta e dispara sua arma para cima. Já Naphta tira a própria vida, revelando que estava disposto a morrer por aquilo em que acreditava: “Quem não é capaz de arriscar a vida, o braço, o sangue na defesa de um ideal, não é digno dele” (MANN, 1980, p.783).

Para Kaufmann, o fato de o intelectual italiano renunciar a atirar no seu companheiro é uma prova da vitória do humanismo, pois “o abalado intelecto mundano, personificado por Settembrini, sobrevive ao sofisticado e (...) encantador fundamentalismo, o ódio suicida deste mundo, o espírito de Naphta” (KAUFMANN, 1973, p. 25).

Por outro lado, Santos aponta que tal luta não apresenta vitoriosos, pois embora Settembrini tenha saído ileso do combate e tenha renunciado a atirar em seu companheiro, a mentalidade autoritária de Naphta se propagou drasticamente não só pela Alemanha, como também pelo restante da Europa na década de 1920 (SANTOS, 2011, p.12).

### **Considerações: *A montanha mágica* e o antifascismo na literatura**

O livro *A montanha mágica* pode ser considerado um “grande poema didático contemporâneo”, além de ser um grande romance simbólico, que aborda o combate ideológico entre a luz e as trevas, a doença e a saúde, a vida e a morte, como aponta Lukács (1967, p.37).

Nesse sentido, a obra discute questões políticas e psicológicas profundas, ao desvendar como a classe burguesa, dotada de sensibilidade moral e de uma alta cultura é atraída pelas trevas, pela doença e pela morte. Tal atração poderia ser justificada pela insatisfação dessa classe com a sua forma de vida, voltada apenas à esfera privada e centrando-se em objetivos puramente econômicos. Por esses motivos, essa camada social na Alemanha poderia ser considerada alienada, sendo que a falta de interesse em questões públicas a impediria de perceber os problemas sociais existentes no país, dentre os quais se encontra a ausência de liberdade. Para Lukács (1967), a burguesia alemã não teria como se defender do dogmatismo, ou seja, “o poder das trevas”, tornando-se propensa a aderir à demagogia do socialismo que seria uma forma de escravidão generalizada, escondida sob uma máscara mítica e demagógica.

Ao longo do romance, o humanista Settembrini atua como uma espécie de pedagogo do burguês comum alemão, representado, como vimos, por Hans Castorp. O literato assume a responsabilidade por sua formação, pois teme a indecisão do protagonista e o seu fascínio por ideias até mesmo antagônicas, ora tendendo aos ideais humanitários, ora a pensamentos autoritários, tais como o de Naphta.

Assim, o duelo intelectual “pela alma” de Castorp se estabelece entre dois polos: o democrata humanista italiano Ludovico Settembrini, que representa “a luz”, e o jesuíta Leo Naphta, o qual simboliza “as trevas”, ao pregar um sistema de tendência católica bastante próximo do fascismo. Como aponta Lukács, essa disputa pode ser considerada “a principal substância intelectual” do romance (LUKACS, 1967, p. 37). Para o crítico, o grande mérito de Thomas Mann seria o de representar e contrapor as tendências ideológicas hostis de uma forma igualitária e íntegra. A obra, portanto, pode ser abordada sob o aspecto ideológico do combate intelectual entre a luz e as trevas, entre o progresso e a reação conservadora.

Nesse sentido, o autor expõe, de um lado, uma característica altamente atraente, espiritual e moralmente, do anticapitalismo romântico, que se converteu em uma demagogia reacionária; e, do outro, faz uma crítica à burguesia contemporânea. Essa contraposição permite compreender

como uma classe social caracterizada por um alto nível intelectual e moral se tornou adepta à tendência fascista.

#### Referências

KAUFMANN, F. **Thomas Mann: the world as will and representation**. New York: Cooper Square, 1978.

LUKACS, G. **Thomas Mann**. Paris: François Maspero, 1967.

MANN, T. **A Montanha Mágica**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

REMÉDIOS, M. L. R. A montanha mágica: um romance de formação. **Vidya**, v.19, n. 34, p. 251 – 261, 2000.

RODRIGUES, M. A. S. **A representação do tempo no romance "Der Zauberberg" de Thomas Mann**. 115 f. 2008. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

SANTOS, K. F. M. O. O Duelo Filosófico entre Settembrini e Naphta em “A Montanha Mágica”. **Noctua - Revista de História**. Brasília, n. 3, 2011.

Recebido em 2024-05-18  
Publicado em 2024-10-04